

## A RENÚNCIA DA LIBERDADE COMO CARACTERÍSTICA DA ESTÉTICA ROMÂNTICA EM *AMOR DE PERDIÇÃO*, DE CAMILO CASTELO BRANCO<sup>1</sup>

Anielle Andrade de Sousa (PIBIC<sup>2</sup>/ CNPq/ UFPB)

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar como a renúncia da liberdade pode estar relacionada ao Movimento Romântico através dos personagens: Simão Botelho, Teresa de Albuquerque e Mariana, em *Amor de Perdição* (1863), de Camilo Castelo Branco. Partindo desses personagens e suas descrições, buscamos observar de que forma a privação da liberdade pode estar relacionada ao Romantismo e como isso pode influenciar o destino dos personagens no texto. Escolhemos esse tema por ser bastante recorrente na obra, tanto porque os personagens sofrem com a falta de liberdade, assim como o próprio autor do texto está encarcerado na cidade do Porto em Portugal, no momento da produção do romance. Justifica-se, pois, o *corpus*, por este ser o romance passionnal mais conhecido de Camilo Castelo Branco e por esta ser uma das primeiras obras do Movimento Romântico em Portugal. Este artigo contribui para a fortuna crítica de trabalhos com o mesmo *corpus*, pois até onde podemos pesquisar não encontramos trabalhos acadêmicos que enfoquem esse tema na obra. Utilizaremos como base teórica para as possíveis questões que serão levantadas sobre a renúncia da liberdade como afirmação do romântico, um comentador da *Estética* de Hegel, Rafael Haddock- Lobo, com o seu texto *A "Estética" de Hegel e o ideal romântico do amor*; e o artigo intitulado *Um olhar sobre o amor no ocidente*, de Zuleica Pretto, Kátia Maheirie e Maria Juracy Filgueiras Toneli. A definição de estética que tiramos das duas bases teóricas diz respeito ao estudo do belo em geral na arte. Diante disso, os resultados apontam para a renúncia da liberdade como característica da beleza do amor romântico na obra de Camilo Castelo Branco.

**Palavras- chave:** Renúncia da liberdade. Estética. Romantismo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na disciplina de Literatura Portuguesa II ministrado pela Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup> Maria Bernardete Nobrega

<sup>2</sup> Processo PIBIC nº 138824/2014-2

## O ROMANTISMO OCIDENTAL

O movimento romântico iniciou-se na Europa no século XIX. Surgiu dentro da comunidade burguesa e está relacionado a um novo público- leitor, mas seus ideais confrontam a burguesia. Da origem dos textos literários românticos, podemos associar à origem dos novos leitores, pois estes buscavam textos literários nos jornais, uma vez que eram de preço mais acessível (ABDALA JUNIOR, 2007). Deste modo, em geral, esses textos eram publicados nos jornais como o gênero folhetim. Era um público vasto de consumidores que interessava ao capitalismo. Abdala Junior (2007, p. 159) nos explica: “Se no classicismo o público aristocrático, palaciano era bastante restrito, no romantismo ele se tornava, mais amplo e precisava ser motivado para adquirir obra de arte.”.

Segundo o autor, As primeiras manifestações literárias românticas ocorreram na Alemanha e na Inglaterra, mas foi na França que o movimento ganhou proporções de uma revolução. Justamente com a oposição à aristocracia e ao absolutismo, o romantismo veio carregado de valores anticlássicos. Essa negação ao estilo estético clássico deu origem a uma nova estética de criação literária com a retratação de uma nobreza decadente e a ascendência de camponeses e operários ao ritmo da industrialização.

A ideologia do movimento romântico conta com os valores incitados pela Revolução Francesa associados à liberdade de ascensão econômica e individual. As emoções individuais do eu passa a ser inspiração para essa nova literatura. A ideia de que nada é absoluto, deu uma nova visão ideológica ao mundo, limitando o homem à sua natureza e à morte. Abdala Junior (2007, p. 161) afirma que: “O Romantismo constituiu um modo de produção artística e também um modo de pensar a vida, e, por essa razão, o niilismo literário esteve muitas vezes associado à biografia do autor”, ou seja, o Romantismo foi um movimento literário e ideológico. As características

românticas estavam intimamente ligadas nos textos dos autores e em suas histórias biográficas.

Essa visão romântica do Ocidente percorreu não só a um movimento literário e ideológico, mas invadiu também os discursos da filosofia, da pedagogia, da teologia, da história, da política, etc. Sobre isso, Mendonça explica:

Disso resulta uma literatura emprenhada, perpassada ora pela perspectiva ética, ora pela política, ou pela religiosidade, ou simplesmente humanística, ou tudo isso junto, como se vê nos diversos discursos românticos, a exemplo de Thomas Carlyle que, em seus *Sinais dos tempos* (1829), expressa o horror romântico à mecanização do mundo, com verdadeiro temor de que esta se estendesse ao humano. Ou mesmo o romance de *Oliver Twist* (1837), do inglês Charles Dickens, cujo tema se volta para a infância abandonada e ultrajada, para a iniquidade dos orfanatos de Londres, seus espaços sujos e sórdidos. Também *Os miseráveis* (1862), do francês Victor Hugo, narrativa que se constitui um verdadeiro panorama da sociedade francesa, na qual seu narrador faz uma incisiva defesa da bondade humana, seguindo o pensamento do socialismo utópico. (MENDONÇA, 2013, p.17)

A citação acima afirma o conceito ideológico que está inserido no Movimento Romântico que perpassam a perspectiva ética, política e religiosa na qual influencia a literatura da época de autores ingleses, franceses e alemães, dando origem ao discurso romântico na Europa. O chamado discurso romântico, segundo Mendonça (2013), possui alguns recursos que constitui as características do movimento literário, entre eles estão: a imaginação, a fantasia, o ensimesmamento, o senso de religiosidade, o retorno ao passado, o mito, o culto da natureza, o senso de historicidade, a superabundância de sentimento, o repúdio às convenções sociais, o fascínio pela noite, o feminino romântico, a pátria romântica e a ironia.

Como nos demais países da Europa, o Romantismo em Portugal se deu com a associação da imprensa e a afirmação social de um novo público de leitores: a burguesia. Os escritores mais ativos em Portugal estavam ligados ao jornalismo e contribuíram para a afirmação do liberalismo no país (ABDALA JUNIOR, 2007).

Inicialmente três escritores se destacaram na implantação desse movimento: Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Castilho. Quanto a estes escritores Abdala Junior destaca:

Garret foi inicialmente o escritor mais ativo do grupo, inclusive politicamente era o mais radical. Herculano, mais moderado, secundou-o: sua importância vai se fazer sentir gradativamente e marcará os últimos anos de sua vida, quando afirmou-se o movimento realista. Castilho, personalidade contraditória, colocou-se como romântico, embora suas produções mostrem traços neoclássicos. Sua ação vai exercer-se mais no campo pedagógico e jornalístico, do que propriamente no desenvolvimento da arte romântica. (ABDALA JUNIOR, 2007, p.162)

Dentre os autores românticos de destaque na época, está Camilo Castelo Branco (1825- 1890), autor de *Amor de Perdição*, corpus do presente trabalho. Abdala Junior (2007) esclarece que Camilo Castelo Branco escrevia folhetins, técnica relacionada ao jornalismo e que ao publicar um capítulo sua escrita deveria motivar o leitor a adquirir um novo. Com uma escrita simples e trama envolvente, ele renovou a literatura em Portugal e a novela ganhou destaque entre suas produções. O autor publicou ainda, contos, poesias, teatros, historiografias, historiografias literárias, críticas literárias, memórias e polêmicas. As novelas de Camilo Castelo Branco foram escritas irregularmente e quanto sua produção estética: alternam-se narrativas bem construídas com outras de pouco valor artístico.

Segundo Abdala Junior (2007), a produção de Camilo possui um grande valor de ordem social. O autor denuncia os setores oligárquicos e demonstra uma não-aceitação dos preconceitos da nobreza fossilizada, dos novos-ricos, dos burgueses obcecados pelo dinheiro e do clero venal. Sua obra é extensa e nela podemos observar certa relação entre autor e obra. Camilo Castelo Branco foi órfão aos 10 anos e a partir disso voltou-se para o mundanismo afim do ultra-romantismo. Vejamos o que Abdala Junior (2007, P. 175) expõe sobre ele:

Fazia parte de esse comportamento social procurar não conter o sentimento ou o extinto: acumulou, então, casos amorosos, com mulheres de todas as condições sociais, após afastar-se de sua primeira esposa. Com Ana Plácido, estabilizou-se emocionalmente, mas o casal foi processado por adultério: ela era casada. Absorvidos, casaram-se, mais tarde, após o falecimento do marido.

Por causa desse processo judicial, Camilo Castelo Branco e Ana Plácido foram presos na cidade do Porto. Dentro da prisão Camilo escreveu seu romance passionai mais conhecido: *Amor de Perdição*, em 1863. A obra narra a história de Simão, Tereza e Mariana. Três almas envolvidas e ligadas pelo amor.

#### BREVE RESUMO DA OBRA

*Amor de Perdição* trata de amores impossíveis que levam os protagonistas à morte. A novela tem por personagens principais: Simão Botelho, Teresa de Albuquerque e Mariana. Simão é um rapaz problemático e violento que se regenera por causa do amor que começa a nutrir por sua vizinha Teresa. É um amor recíproco e impossível, pois as duas famílias são inimigas. Simão, apaixonado, resolve ir a Coimbra para terminar os estudos para ter com o que sustentar Teresa no futuro, mas descoberto o romance pelo pai de Teresa, este a obriga a casar-se com seu primo, Baltazar Coutinho, ou enclausurar-se em um convento. Teresa, desesperada, escreve uma carta para Simão explicando sua situação e avisa que está indo para o convento a fim de esperar seu pai morrer para só então viver o seu amor. Simão volta para Viseu e decide raptar Teresa, mas seu plano foge da razão e ele termina por matar Baltazar Coutinho, o primo de Teresa, e por isso Simão é condenado à forca. No desenrolar da história aparece Mariana, uma camponesa que guarda um amor por Simão em segredo; e mesmo sabendo que seu amor nunca será retribuído, permanece ao lado do amado, ajudando-o e consolando-o. Após todos os acontecimentos lamentáveis sofridos pelos protagonistas, Simão é condenado ao exílio e Teresa vai para o convento de Monchique. Lá ela morre, pois não suporta a ideia de viver separada do seu amado.

Simão ao saber disso, no caminho para o exílio, morre também. Mariana se suicida após o corpo de Simão ser jogado ao mar atirando-se junto. Como fica claro, o destino trágico se aplica aos três personagens. Durante todo o romance, a maioria dos espaços físicos dos personagens são fechados. Simão passa a maior parte da obra escondido na casa do Ferrador João da Cruz, pai de Marina; na cadeia de Viseu e na cadeia do Porto. Mariana o acompanha em todos esses lugares. E Teresa passa a maior parte da obra em sua casa em Viseu; no convento de Viseu e no Convento de Monchique. Contudo, veremos mais adiante que toda essa situação deprimente de espaços fechados e prisões são escolhas dos próprios personagens e como essa renúncia à liberdade se relaciona com o amor romântico.

#### **A RENÚNCIA DA LIBERDADE COMO AFIRMAÇÃO DA ESTÉTICA ROMÂNTICA**

Como já foi dito, no momento da produção do romance *Amor de Perdição*, Camilo Castelo Branco estava preso no cárcere da cidade do Porto, ele sentia na pele os efeitos de estar privado de sua liberdade e ninguém melhor que ele, naquele momento, poderia descrever o que é estar nessa situação por causa de um amor. Inicialmente iremos destacar a renúncia de Simão Botelho à companhia de seus amigos para poder ver Teresa, para contemplá-la da janela de sua casa, pois era assim que se davam os encontros dos dois apaixonados. Essa renúncia de Simão de certa forma o regenerou. Este já não fazia mais arruaças, não saía mais à noite e nas raras vezes que saía procurava a companhia da irmã mais nova. Lemos em *Amor de Perdição*:

No espaço de três meses fez-se maravilhosa mudança nos costumes de Simão. As companhias da ralé desprezou-as. Saía de casa raras vezes, ou só, ou com a irmã mais nova, sua predileta. O campo, as árvores e os sítios mais sombrios e ermos eram o seu recreio. Nas doces noites de estio demorava-se por fora até ao respostar da alva: aqueles que assim o viam admiravam-lhe o ar cismador e o recolhimento que o sequestrava da vida vulgar. Em casa encerrava-se no quarto, e saía quando o chamavam para a mesa. [...] Simão

Botelho amava. Aí está uma palavra única, explicando o que parecia absurda reforma aos dezessete anos. (Castelo Branco, 2006, P.29).

Nesse trecho observamos a concepção de um amor idealizado, de um amor que se constitui a partir de um sacrifício. Neste caso, podemos fazer uma relação com o amor cristão, pois este se faz com a negação da totalidade do ser humano e corpo negligenciado, ou seja, são os prazeres “mundanos” renunciados que transformam um ser em um ideal absoluto. Pretto; Maheirie e Toneli (2009) afirmam que:

Submetidos a preceitos de fé, o amor cristão transcende a vida pela filiação de vida comum, ligado a Deus e negado aos homens, e busca assegurar a salvação e o paraíso dos sujeitos. Com esse fim o amor se faz incondicional: tudo suporta, tudo revela, é sacrifício, abdicção e dedicação. (PRETTO; MAHEIRIE e TONELI, 2009, p.02).

Essas características do amor romântico cristão servem para todas as citações do *corpus* que analisaremos aqui neste artigo, mas nos deteremos inicialmente à questão de retomada religiosa que é perceptível com a mudança de comportamento de Simão, uma vez que agora seu comportamento é ideal. Ideal porque agora ele ama. O amor mudou seu comportamento, sua atitudes, ele fez um sacrifício e abdicou de um convívio social do qual estava acostumado para dedicar-se à amada incondicionalmente, ainda que seja um amor também idealizado já que os dois apenas se olham da janela e posteriormente trocam cartas.

O Movimento Romântico retoma o senso de religiosidade. Os românticos são contra o vazio religioso da Modernidade que é visto como ausência da vida. Mendonça (2013, p. 18) explica: “[...] os românticos retornam às tradições místicas e religiosas, que se convertiam em estratégias privilegiadas de reencantamento do mundo, consideradas por muitos críticos como a principal marca romântica”. Sendo assim, essa mudança de Simão Botelho se configura a partir da estética romântica.

Em seguida, é a vez de Teresa anunciar sua renúncia à liberdade por amor de Simão, pois obrigada a casar com seu primo Baltazar Coutinho ou a entrar em um

convento, ela opta pelos muros do convento, pois lá ela poderia esperar seu pai morrer para viver seu amor. No convento, apesar de fisicamente estar cativa, ela sente-se livre no coração, pois não está obrigada a amar outro homem que não seja Simão Botelho. Abaixo está um trecho do diálogo de Teresa e seu pai, Tadeu de Albuquerque no romance:

- Se a sua ideia é obrigar-me a casar com meu primo...
- E daí?
- Decerto não caso; morro, e morro contente, mas não caso.
- Nem ele a quer. A senhora é indigna de Baltazar Coutinho. Um homem do meu sangue não aceita para esposa uma mulher que fala de noite aos amantes nos quintais. Vista-se depressa, que vai para um convento.
- Prontamente, meu pai. Esse destino lho pedi eu muitas vezes.  
(Castelo Branco, 2006, p. 63)

Lemos no trecho acima que Tereza prefere morrer ou ir para um convento do que casar-se com seu primo. Essa perspectiva sentimental de que sem o seu amor não há felicidade é puramente da estética romântica. Independente da vontade do pai, Teresa se preocupa apenas com a sua realização pessoal e sua felicidade, característica do amor romântico. Pretto; Maheirie e Toneli (2009) explicam:

A esse romantismo idealista ocidental-cristão a perspectiva realista faz muitas críticas. Não acredita em seus preceitos básicos: o amor como universal e natural, pré-requisito de auto-realização pessoal (*Sic*); o amor como um sentimento que vem a nós e não de nós; o fato de que sem amor não existe felicidade, sendo que os sujeitos são estritamente responsáveis pelo seu desempenho e felicidade amorosa, independente da conjectura social, política e econômica imposta (negação da contingência); [...] (PRETTO; MAHEIRIE e TONELI, 2009, p. 03. Destaques nossos)

Assim, de acordo com os preceitos básicos do Romantismo, Teresa ao renunciar a liberdade se configura dentro da estética romântica da obra de Camilo Castelo



Branco. E a personagem continua sua renúncia, é o que podemos observar no trecho abaixo que é a primeira exclamação de Teresa ao chegar à portaria do mosteiro:

Abriu-se a porta do mosteiro. Teresa entrou sem uma lágrima. Beijou a mão do seu pai, que ele não ousou recusar-lhe na presença das freiras. Abraçou suas primas, com semblante de regozijo; e, ao fechar-lhe a porta, exclamou, com grande espanto das monjas:

– Estou mais livre que nunca. A liberdade do coração é tudo.  
(Castelo Branco, 2006, P. 64).

Teresa sente-se realizada visto que entra no convento satisfeita e sem derramar lágrimas. Seu semblante é de regozijo, ou seja, a personagem está em paz, pois o seu coração está em sintonia com sua mente e o resto do seu corpo. Sua liberdade é a do coração e isso para ela é uma realização pessoal. Haddock-Lobo comenta a *Estética*, de Hegel (1993) e nos esclarece:

Para Hegel, “o conteúdo substancial das representações de arte romântica é a substancialidade absoluta”, que é definida como “a união do espírito com a sua essência, a pacificação da alma, a conciliação de Deus com o mundo e, portanto, consigo mesmo”. Por isso tudo, “parece, pois, que é nesta forma de arte que o ideal há de encontrar sua plena e completa realização”. (HADDOCK-LOBO<sup>3</sup>, p.06)

De acordo com Hegel (1993), o conteúdo das ações românticas é sempre a substância absoluta. É a felicidade e realização a partir de pacificação do espírito com o mundo e é nesse sentido que Teresa age. Ela procura estar livre em seu coração para amar a quem ela quiser, mesmo que isso lhe custe a liberdade física e, assim a estética ideal do Romantismo tem completa realização nessa personagem.

Conforme o enredo avança, Simão renuncia mais uma vez a sua liberdade por amor de Teresa. Ao saber que Teresa estava sendo obrigada a ir a um convento ou casar-se com outro homem do agrado do seu pai, Simão não suporta a ideia de sua

---

<sup>3</sup> Artigo retirado da internet e não possui data de publicação.

amada ser de outro e no dia em que decide fugir com Teresa, ao encontrar Baltazar Coutinho no convento onde Teresa era cativa, o assassina. Com isso, ele não foge e confessa o crime, pois para ele é melhor ser privado de sua liberdade por amor de sua Teresa do que vê-la casada com outro. Abaixo está o trecho desse episódio do romance:

Baltazar Coutinho lançou-se de ímpeto a Simão. Chegou-lhe a apertar a garganta nas mãos; mas depressa perdeu o vigor dos dedos. Quando as damas chegaram a interpor-se entre os dois, Baltazar tinha o alto do crânio aberto por uma bala que lhe entrara na fronte. Vacilou um segundo e caiu desamparado aos pés de Teresa. [...] – Prendam-no, prendam-no, que é um matador – exclamava Tadeu de Albuquerque.

– Qual? – Perguntou o meirinho- geral.

– Sou eu – Respondeu o filho do corregedor.

– Vossa senhoria! – Disse o meirinho, espantado; e, aproximando-se, acrescentou a meia voz: – Venha, que eu deixo-o fugir.

– Eu não fujo – Tornou Simão. –Estou preso. Aqui tem as minhas armas. [...] (Castelo Branco, 2006, P. 96-97)

Em um diálogo do pai de Simão Botelho, corregedor da cidade, com o juiz do caso do filho, os leitores tem o conhecimento do motivo que levou Simão a matar Baltazar. Lemos na obra de Camilo Castelo Branco:

– Começo por dar a vossa senhoria os pêsames da desgraça do seu filho – disse o juiz de fora.

–Obrigado a vossa senhoria. Sei tudo. Está instaurado o processo?

– Não podia deixar eu de aceitar a querela.

– Se a não aceitasse, obrigá-lo-ia eu ao cumprimento dos seus deveres.

– A situação do Simão Botelho é péssima. Confessa tudo. Diz que matou o

algoz da mulher que ele amava... [...] (Castelo Branco, 2006, P. 99).

Vemos assim, que Simão não hesita na escolha que faz. Seu determinismo o leva para a ruína, como veremos no final do livro. Seu amor começa a se expressar

como uma lei que não pode ser descumprida, tornando-o subordinado a esse amor. Sua vontade é fugir com Teresa, mas como isso não foi possível, ele não suporta a possibilidade de sua amada ser obrigada a casar com outro e por isso toma uma atitude exagerada, fruto do que Haddock- Lobo comenta que nas palavras de Hegel (1993), é desencadeada pelos conflitos do amor. O autor destaca:

No amor verdadeiro, contudo, esta abertura deve ser voluntária e, desta maneira, a dialética do desejo só nos serve para melhor ilustrar, na concepção hegeliana, o caráter de positividade da renúncia de si. O exagero deste sentimento, porém, poderá criar vários problemas ao espírito em sua jornada fenomenológica, nos chamados “conflitos criados pelo amor”, como vemos no trecho da *Estética* que se segue: “Vemos surgir, no seio desta vida fixa e estável, nas almas mais nobres e ardentes, o amor, esta religião profana do sentimento, que não tarda a contrair, com a religião propriamente dita, relações variadas e também subordina-la, a esquecê-la e a impor-se-lhe como o fim essencial da vida, até o único e mais elevado, pregando não só o abandono de tudo o mais e a fuga com a bem-amada para o deserto, mas também caindo num extremo sem beleza, o sacrifício da dignidade humana ao ser amado e a submissão mais servil”. (HADDOCK- LOBO, p.10)

Haddock- Lobo nos explica que na *Estética*, de Hegel (1993), o filósofo define o amor como uma religião que cria conflitos e que torna quem ama como um ser servil, pois o amor se impõe como único e verdadeiro e que deve impor-se até o fim da vida de quem ama chegando até a perder sua beleza diante de tanto exagero. Com o exagero, a dignidade humana se caba, pois junto com ele vem o sacrifício. Vemos isso claramente no sacrifício de Simão Botelho, chega-se até a perder a beleza, do ponto do vista do leitor, de tanto que ele sofre na prisão pelos seus atos e como isso reflete no destino do personagem. Perde-se a beleza na história e no personagem pelo exagero, para afirmar a estética da obra do movimento Romântico.

Com a prisão de Simão, Mariana o acompanha no cárcere. Ela, que nutre uma paixão por ele, não consegue separar-se e o segue. Mariana torna-se a mais servil das mulheres para Simão. É ela quem cuida da sua comida, roupas e limpeza. É a sua

companhia para toda hora. Seu pai morre e ela decide seguir Simão para onde ele for. Quando Simão vai para a prisão do Porto recebe sua carta de exilado e o seu próximo destino é a Índia. Ainda na prisão eis o diálogo que extraímos desses dois personagens que marca a lealdade e renúncia de Mariana:

- Por que vendeu as suas terras, Mariana? – perguntou o preso.
- Vendi-as porque não faço tensão de voltar lá.
- Não faz?... Para onde há de ir, Mariana, indo eu degredado? Fica no Porto?
- Não, senhor, não fico – balbuciou ela como admirada desta pergunta, à qual o seu coração julgava ter respondido de muito.
- Pois então?
- Vou para o degredo, se vossa senhoria me quiser na sua companhia. [...]
- E suponha, Mariana, que eu morro apenas ao chegar ao degredo?
- Não falemos nisso, senhor Simão...
- Falemos, minha amiga, porque eu ei de sentir à hora da morte, a pesar-me a alma, a responsabilidade do seu destino... Se eu morrer?
- Se o senhor morrer, eu saberei morrer também. (*Amor de perdição*, 2006, P. 142- 143).

Mariana, sem nunca escutar de Simão uma palavra de amor, na qual ele sempre deixou claro que a única mulher do seu coração é Teresa, ela nutre um amor impossível e platônico em seu peito. Em nossa opinião, Mariana é a personagem que mais sofre, pois renuncia sua liberdade igualmente aos outros dois personagens amantes, mas seu amor não é correspondido. Ela não se sente bem em nenhuma situação, nem espiritual e nem fisicamente, apenas sofre por um amor que jamais lhe dará prazer, pois ela jamais será amada. É a renúncia mais dolorosa e mais impactante do romance. Vejamos o que Hegel (1993) fala sobre esse tipo de renúncia nas palavras de Haddock- Lobo:

Hegel, ao longo do seu trabalho estético, defende constantemente a superioridade da renúncia, dizendo que, quanto maior for a renúncia, mais belo é o amor, pois o ser que ama não vive por si e toma o outro como razão de sua existência. Por esse motivo, Hegel caracteriza o amor da mulher como o mais belo amor existente entre todas as

formas humanas que o amor pode assumir, por apresentar o abandono como a expressão mais alta do caráter feminino (ressaltando-se que o amor materno, para Hegel, está para além do humano por apresentar uma participação com o divino). ( HADDOCK-LOBO, p. 10).

Então, Hegel classifica o amor feminino como mais belo por representar o mais alto grau de renúncia, e ele não está falando de amor materno, pois este está conectado ao divino. Mariana é a mulher que quer se exilar junto com seu amado, mesmo sabendo que Simão não a ama. É a renúncia gratuita que se insere como a maior das privações de liberdade da obra, afirmando o caráter estético do Romantismo. A personagem afirma que se Simão morrer ela também saberá morrer e é exatamente isso que acontece. Essa sua afirmação apenas confirma que o seu amor é o mais belo diante da renúncia extrema de sua liberdade, chegando até a tomar Simão como razão de sua existência.

A morte é iminente para todos os personagens principais. São personagens românticos que Camilo Castelo Branco constrói em cima de uma estética própria do Romantismo. Teresa é a primeira a morrer. Ao saber que Simão irá exilado para Índia, ela não suporta a ideia de que não o verá por 10 anos e que provavelmente eles nunca ficarão juntos. Morre de desgosto, de renúncia a si própria, com uma febre incurável. Em seguida, quem morre é Simão Botelho. Este ao saber da morte de Teresa afirma: “– Acabou- se tudo!...”[...] (Castelo Branco, 2006, P. 155). Para ele, de fato essa afirmação é certa. Ele morre alguns dias depois de delírio e tristeza pela morte de sua amada. Mariana se suicida quando vê o corpo morto de Simão ser lançado ao mar. Esta, ao ver o corpo do seu amado, renuncia a sua vida, pois ela mesma havia afirmado que saberia morrer e que tinha coragem para isso.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, relacionamentos fundamentados nessas perspectivas podem trazer sofrimentos para ambas as partes uma vez que ao renunciar, as partes tornam-se

apenas uma, propiciando a negação da liberdade. Essa privação é o principal objeto no romance de Castelo Branco e buscamos mostrar que isso está relacionado com a estética visada pelo Movimento Romântico na qual o autor estava inserido. Hegel (1993) afirma que seu objeto de análise é a beleza nas obras artísticas, constituindo assim, a filosofia da bela arte. Neste caso, O belo e a negação da liberdade são inerentes na constituição das características do Romantismo representados nos personagens Simão, Teresa e Mariana determinando assim o destino dos personagens nessa obra de arte que é *Amor de Perdição*.

#### REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literaturas de língua portuguesa**: marcos e carcas. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Amor de Perdição**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.
- HADDOCK- LOBO, Rafael. **A Estética de Hegel e o ideal romântico do amor**. Rio de Janeiro. Disponível em < [http://www.oquenosfazpensar.com/adm/uploads/artigo/a\\_estetica\\_de\\_hegel\\_e\\_o\\_ideal\\_romantico\\_do\\_amor/n16rafael.pdf](http://www.oquenosfazpensar.com/adm/uploads/artigo/a_estetica_de_hegel_e_o_ideal_romantico_do_amor/n16rafael.pdf)> Acesso em: 05 de Jan de 2015.
- MENDONÇA, Wilma. **Literatura Brasileira II**: O Romantismo. João Pessoa: UFPB, 2013.
- PRETTO, Zuleica; MAHEIRIE, Kátia; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Um olhar sobre o amor no ocidente. **Psicologia em estudo**, Maringá, V.14, N 2, abr- jun, 2009. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722009000200021&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722009000200021&script=sci_arttext)> Acesso em: 05 de Jan de 2015.